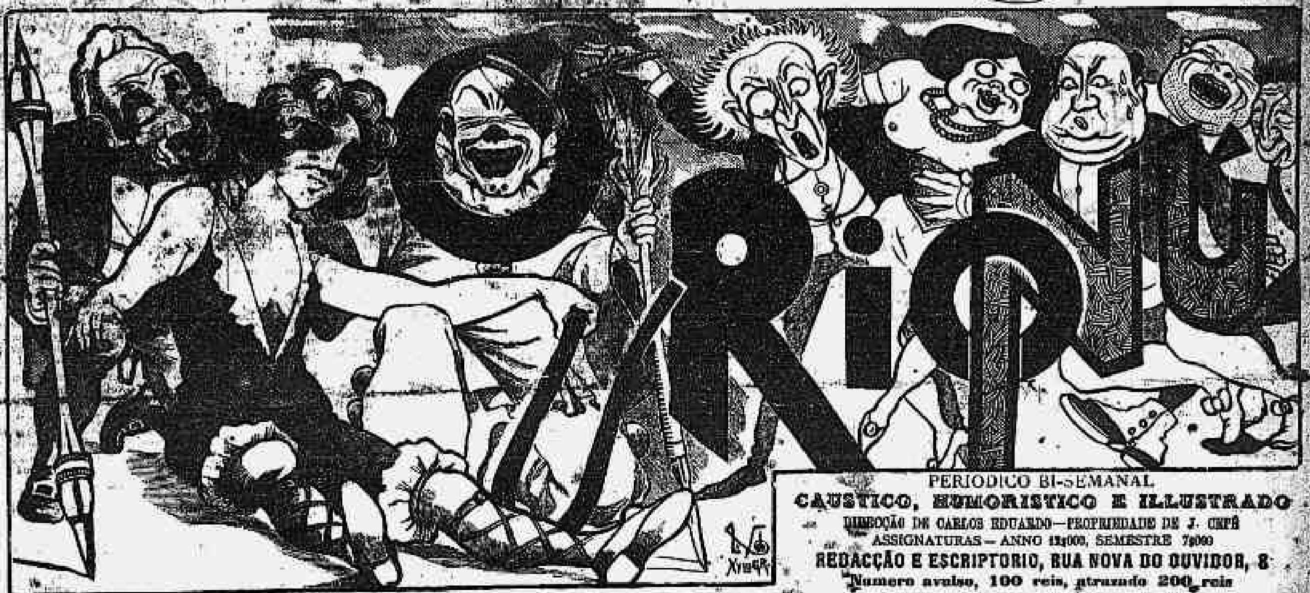
Anno III — Rio de Janeiro, [illegible] de Agosto de 1900 — Num. 216

BIBLIOTHECA NACIONAL — RIO DE JANEIRO



PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO, HUMORISTICO E ILLUSTRADO
DIRECÇÃO DE CARLOS EDUARDO—PROPRIEDADE DE J. CEPÊ
ASSIGNATURAS — ANNO 12$000, SEMESTRE 7$000
REDACÇÃO E ESCRIPTORIO, RUA NOVA DO OUVIDOR, 8
Numero avulso, 100 reis, atrazado 200 reis

Vamos, Gregorio, toma a penna, vamos
Ver que a semana teve p'ra nos dar!
E se nada tiver para contar
D'esta vez as tolices não contamos.
Mas quando se despe alguem
Alguma coisa se encontra,
A menos que algum bilontra,
Fingindo de homem de bem,
A tenha despido já!
— Quando se tira a camisa
A gente sempre precisa
Ver bem o que fica lá,
E d'olho aberto, á calada,
Como se faz na policia,
Vamos despir com pericia
Esta semana passada!
Semana, suspende a saia,
Mostra coisa que se veja!
Antigo ou moderno seja,
Qualquer assumpto que caia!
E se a saia estiver pela barriga
Ha de já ver a coisa que se diga!

※

E a coisa que vi primeiro
Foi esta coisa medonha:
Um sujeito sem vergonha
Que tendo em casa um luzeiro
De innocencia e de candura
Tirou-se dos seus cuidados
Ir falar aos delegados
Sobre esta triste leitura:
Allegava o supplicante
Ter em casa uma mulher
Que quando supplica e quer
Ha de ser no mesmo instante;
E como esse dito cujo
Não podesse com presteza
Dar os... cobres p'ra despeza
Por já ter o dedo sujo;
A mulher do referido,
Vendo bambo o Menelau
Ia fazendo um giráu
Da cabeça do marido...
E como essa dita Helena
Quando lia *O Rio Nú*
Mais gostava do peru
Comido fóra de scena,
Comia peru por fóra,
Ia comendo e gostando
E o cabra sempre pensando
Que estava sendo... a culpada...
Lembrou-se o supplicante um certo dia
De se queixar á policia,
Dizendo já sem malicia
Que a trouxa já lhe pendia.
Vendo o triste e jururú
O doutor lá teve pena
E o tal marido de Helena
Vingou-se *O Rio Nú*!
Entretanto, meus senhores,
Emquanto elle menos mal
Lê as queixas do jornal
Quem provocava os ardores,
Esses ardores em casa
Soffregamente aos pinotes
Panham [illegible] barrotes
No matrimonio... Que Vasa!
Tem Menelau pannos mornos
E volta á casa contente,
Trazendo agora na frente
Mais augmentados adornos.
—Passe de largo, seu boi!
E aqui, em publico e raso
Ficou já contado o caso
Tal e qual o caso foi.

※

Outro caso que a musa me prohibe:
O caso Piragibe,
Ah! n'elle não me louvo!
O caso é meio preto
Eu n'esse a mão não metto
Que sou macaco novo,
Mirei-me já no espelho
Archi-phenomenal
Em que saiu se mal
Um bom macaco velho.

※

Não ha como o calado... Então seu Xico,
Como o mafião, aqui calado fico.

M. Gregorio Junior.

— Em que é do homem que a mulher ás vezes se espeta?
— Na barba.

Bella Caçada

Conhecem o Alberto?

Não conhecem? Pois eu admiro! um rapaz elegante, bem conversado, bonito, forte, desempenado, que anda todas as tardes segurando as portadas do Pascoal!

Bem, si não o conhecem, fiquem sabendo que o Alberto só tem um pequenino defeito: é mentiroso como um politico na vespera de eleição.

Elle faz tudo, elle sabe tudo. E' poeta, pintor, musico, actor, autor, nadador, gymnasta e caçador, sim, sobretudo elle é caçador.

Ora, o Alberto ia infallivelmente todas as quintas-feiras *flor* o chá e as terradas de D. Maria Chica, uma respeitavel senhora viuva que tinha tres filhas, a uma das quaes o nosso homem *arrastava a aza* na esperança de arrastar alguma coisa mais tarde.

Facil é prever que o Alberto numa das suas fanfarronadas disse que todos os domingos ia á caça.

—E mata muitas peças, seu Alberto? perguntou a D. Maria Chica.

Quantas quero, minha senhora. Eu sou um bom caçador, nisso tenho orgulho.

—Então, interveio a Maricota, uma das meninas, domingo ha-de trazer um jacú e umas pombinhas!

—Pois não! E' negocio fechado, garantio o rapaz.

Está feito! completou D. Maria, e nessas condições jantará comnosco.

※

Domingo, ás 11 horas da manhã, o nosso Alberto entrava no Paschoal e dirigindo-se ao Manoel pedia-lhe para embrulhar um bello jacú que estava á porta e seis pombas magnificas.

Emquanto o empregado aviava a encommenda o Alberto ia á copa tomar um vermouth. De volta, achando o embrulho prompto pagou e no largo de S. Francisco metteu-se n'um tylburi e meia hora depois estava na casa de D. Maria Chica.

Mal chegou foi crivado de perguntas, si fora feliz, o que matara?

Com todos os pingos nos ii o Alberto narrou as peripecias da caçada,—o jacú cahira varado pelo chumbo certeiro da espingarda numa grota fundissima, dera um trabalho enorme para apanhal-o; as pombas tombaram tres de um só tiro quando voavam em bando, outra cahira ao levantar o vôo e finalmente as duas ultimas matára-as pousadas numa laranjeira. Sim, concluia elle, enfatuado, eu não vou ao matto para que a caça zombe de mim.

—Agora vejam que bellas peças.

E entregou á Maricota o embrulho. As moças e D. Maria avidas de curiosidade acercaram-se delle e quando a moça desfez o envolucro uma gargalhada unanime partio do grupo.

※

O papel só tinha empadas e pasteis!

Dr. Coma.

FIM OU COMEÇO ?

Não me parece o fim, porque... Sejamos francos,
Diante d'aquella perna, aquella rosea perna,
Não ha vacillações, não ha cabellos brancos,
E um crime fôra crer em castidade eterna!

Se aquillo fosse o fim... de um pleito de adherencias,
Em vez de parecer um bello dithyrambo
O velho, que já tem de certo flaccidencias...
Proprias na sua idade,— era um simples *mulambo*!

Mas para ser começo... Extranha indifferença!
Que faz aquelle idiota assim, todo correcto?
Em que é que aquelle bobo acaso ainda pensa?
Que faz, que não se louva ao selo o bico erecto?!

Espera um golpe de [illegible]! Mas que desgraça a sua,
Se de forquilha, escóra apoio já precisa!
Pois ha coisa melhor que aquella Carne nua
Abrindo o coração por baixo da camisa?!

TATU' CANASTRA.

?

Não sei que coisas fazia,
Em casa o francez Grudeau,
Quando o José, outro dia,
A' porta d'elle passou;
Houve decerto arrelia,
Estranho o capitello achou,
Pois da porta, então dizia:
«Espere lá seu Grudeau,
Com a sua syphopagia
Que eu vou chamar o Chapeau.»

J. Pimentão.

CASCUDOS

Quem é vivo sempre apparece e quem dá cascudos tambem os póde levar; por isso aqui estou eu genuflexo ante o leitor, na mais respeitosa curvatura, com a roupa toda debaixo do braço, esperando os merecidos cafunés que a bondade dos senhores queira dispensar-me hoje que após uma porção de *lassidão de tempos* volto a mimosear os cocos dos vestidos collegas.

Não imaginam o que tenho soffrido nesses negros dias de ausencia. Estive no isolamento não sei quantas longas horas e isso porque tive a infelicidade de ir visitar um amigo que é casado com uma senhora (pudéra, *havira* de ser com um senhor!) que é conhecida da prima da mulher de um filho de um sujeito cuja sogra tem um genro conhecido de um typo que teve a *dita*, quero dizer a bicha da *peste*, em Araruama.

E ainda dizem que lá não ha disso! Tanto ha que eu levei esguicho, seringadella e tudo mais que elles inventaram!

Ah! eu tenho andado com a macaca!

Depois disso os senhores da hygiene entraram-me em casa e agora o verão. Revolveram-me a horta, amassaram-me os tomates, os meus tomates tão grandinhos e tão vermelhinhos!

SANTISSIMO.

— O que é que a mulher aperta por baixo?
— O collete.

Almanack Theatral

Este primoroso livro além de boa, interessante e variada leitura, traz os retratos e biographias de artistas, informações completas sobre os nossos theatros e *muitas mais* das que mais successos alcançaram.

Vende-se a 1$000 no escriptorio d'*O Rio Nú*, pelo correio 1$500.

Na porta do Morand:

—Tenho a honra de te apresentar o Sr. Fulano, nosso collega na imprensa.

— Estimo conhecel-o. Então o senhor é jornalista?...

— E' verdade...

— Poderá dizer-me quem é a mulher que o sustenta?

—...?

Os pobres d'"O Rio Nú"

A exemplo do que fazem os nossos illustres e castos collegas d'O *Paiz*, resolvemos estabelecer tambem uma secção n'esta folha, por onde se possa escorrer um pouco da muita caridade aninhada no coração generoso da gente carioca. Notamos que uma secção de caridade era aqui em casa uma lacuna formidavel— e como não temos outro fim senão tapar todas as lacunas que nos forem apparecendo, resolvemos logo em cima da fivella acompanhar o orgão da maior circulação na sua philantropica missão.

Assim, receberemos todos os dias os donativos que nos forem enviados, com destino certo ou sem elle, e faremos periodicamente a distribuição dos mesmos, de accordo com a nossa consciencia e a necessidade dos nossos favorecidos.

Temos a velleidade de acreditar que *O Rio Nú* com a creação da nova secção vem prestar um grande serviço á caridade publica e á miseria nacional.

—

Para hoje, enviaram-nos:

— Dois tacões de botinas (Luiz XV) para o José Senna.
— Uma peça de cretonne para uma ceroula do J. Luso.
— Uma opa velha para gravatas do Vasco.
— Um credito a um critico theatral no consultorio do Sylvino de Almeida.
— Um espelho para o grupo do *além sei que tu me desprezas*.
— Uma bicycleta para o Baptista Coelho.
— Um vidro de carne liquida Valdez para o Chaby.
— Um coração de marmellada atravessado por uma setta de latão para o critico H. R.
— Um par de meias imitando luvas para um intellectual.
— Um credito de caixas de sabão no Hotel Paris.
— Um diccionario de flôres para o poeta *Sar signs*.
— Um convite de baile para um gordo actor e um esguio jornalista.
— Um par de calças pretas para o H. M.
— Um isolador para o actor Christiano.
— Um Chapot-Prévost moderno para o Pinheiro josepha.
— Um esculptor para a Georgina Pinto.

Uma blaque

Mentira! E' uma calumnia da Gazeta
Que sempre te debica n'este dia!
Se tu tivesses *amor*,—eu queria
Fizesses um... p'ra mim, bella Henriqueta!
Se do diabo do jornal da veneta
Para perder o resto da vergonha,
Vai dizer que fizeste uma peçonha,
Uma figa, um [illegible], uma careta,
Não houve uma pessoa felizmente,
Que a pilula engolisse. Toda a gente,
Conhece a [illegible] Michellina,
— Velhota que reside á rua [illegible]
E aos debates [illegible]
Porque furiosa ás vezes, dá [illegible] *Fio*!

TATU' CANASTRA.

RARIDADES

N'esta redacção se precisa de alguns specimens de gente que possa ser alguma das coisas seguintes:

— Com mais *distincção* que o H. R. Filho.
— Mais intellectual que o H. C.
— Mais *sardinel* que Baptista Coelho.
— Mais fricoteiro que o actor Carlos de Oliveira.
— Mais *conquistador* que o Campos actor.
— Mais discursador que o Cellatino Barroso.
— Mais pratico que o A. A.
— Mais mordido que o Baraleiro.
— Mais *rastaquére* que o Guimarães Junior.
— Mais querido das mulheres que o Chaby.
— Mais sapiente que o Ferraz.
— Mais popularissimo que o Brandão.

ESBORRACHO!...

MONOLOGO

O personagem entra arrebatadamente, dando mostras de uma gana feroz.

Mas onde estamos, senhores?
Nas regiões africanas,
Entre leões bramidores
E negras feras humanas?

Oh! que paiz de selvagens,
De botocudos de cuia!
Não temos, certo, vantagens
Sobre o grosseiro tapuya.

Si vem um homem n'um bond
E olha p'ra uma menina,
Si o seu olhar não esconde,
Ouve por traz:— O' bolina!

Si pelo braço passeia
De uma *cocotte*, uma *dona*,
E' bom se pôr de alcatéia
P'ra não ouvir:— O' carona!

Si cumprimenta na rua
Um personagem de posses,
Logo um amigo insinua
Com meiga voz: — não engrosses!

Si uma jovem executa
E a relatal-a se atira,
O commentario que escuta
E' simplesmente: — mentira!

Si vae deitar falação
N'um dia alegre de festa,
Logo um doutor, um *sabio*,
Diz ao visinho:— que besta!

Agora eu vinha passando
P'la grande arteria do Rio,
Altivo e bello lançando
A' damas meu desafio.

Ar imponente de lord,
A cara toda risonha,
Não ha quem d'isso discorde,
Dava uma sorte medonha.

Vae senão quando eu avisto
Uma mulher, que belleza!
Era um primor nunca visto
Da sábia mãe Natureza.

Tinha um andar elegante,
Mexendo aquillo por traz.
Que foi só elle, o bastante
P'ra incendiar o rapaz.

Que ondulações fascinantes
Nas redondezas macias!
Passei horriveis instantes
Soffri crueis agonias!

Acompanhando a *perua*,
Vi-a dobrar uma esquina.
E eu cá pensava commigo:
-Como passar lhe a doutrina?-

Aperto o passo, emparelho:
-Sinhá, bom dia! vae bem?
Eu sou Rodrigo Braz Coelho,
Diga-me o seu nome tambem?

-Onde é que mora, sinhá?
Eu moro alli no Castello,
N'um *chateauzinho* amarello,
Quer vir commigo até lá?

-O peito todo n'um fogo
Estou sentindo, meu anjo;
Attenda, pois, ao meu rogo,
Vamos fazer um arranjo-.

A dama nada dizia,
Marchava sempre calada,
Mas eu, olé! insistia:
-Sinhá, não seja malvada!-

Ella afinal já me olhava,
Assim do lado, no exame,
Eu cá tambem lhe mirava
O exuberante carname.

Sentiu às vezes vontade
De a devorar ali mesmo,
De reduzir lhe a beldade
A um *esquecido* torresmo.

Porém a chamma lastrava,
Sorriu-me a bella afinal;
«Prompto lá, eu commigo pensava,
«A cousa, emfim, não vae mal».

Mas eis que surge um cambalho
E diz com todo o descaro:
-Tua mulher te escangalha,
Si sabe d'isso, meu caro-.

Fulmina-me então a dama
Com um olhar de panthera,
O seu passinho accelera
E um velho tilbury chama.

Corri atraz do sujeito
D'aquillo tudo culpado:
O bruto já satisfeito
Se tinha, ha muito, safado.

*

Ora concordem, senhores
Em que isto não se tolera:
O ter a gente feitores
E' cousa que desespera!

Isto afinal só se vê
N'esta maldita cidade:
Não ha siquer liberdade
P'ra se arranjar um filé.

Oh! que paiz desgraçado!
Parto amanhã para longe;
Não fico mais n'este estado,
Prefiro, amigos, ser monge...

Onde se viu coisa assim?
Não ha calumnia soez
Que já, por mais de uma vez,
Não tenha vindo até mim.

Bolina, arára, carona,
Engrossador, mentiroso,
Vadio, besta, azeitona,
Té vagabundo chuvoso,

Eu tenho ouvido, é de mais!
Agora, mudo de tactica;
Vou responder com grammatica
Aos desaforos brutaes.

Quem me insultar sentirá
O quanto pesa esta mão,
Quando estalar-lhe [illegible]
Pelo estanhado carão.

Pois eu, Rodrigo Braz Coelho,
Um cidadão tão conspicuo,
Hei de dobrar o joelho
De modo tão impudico?

Pois não senhor! bofetadas
Distribuirei de rachar
Por essas almas damnadas
Com uma furia exemplar.

Verão o gosto que tem
Uma bolacha valente
Arrebentando na frente
Sem lhes custar um vintem!

E pensarão: «eh! que ferro!
Que pesadissima mão!»
E então os brutos, não erro,
Por certo se emendarão.

(*furioso*)

Raça maldita, execranda,
De vis garotos da rua!...
Plebe mesquinha, nefanda,
Tu podes ir á tábua!

Tomem cuidado, canalhas,
Tomem cuidado commigo;
Olhem que valem metralhas
As bofetadas—Rodrigo.

Na lata a mão, pé na pança,
Eu mostrarei a vocês
Quem é no fim da festança
Que paga o mal do hollandez.

Oh! que paiz de selvagens,
De botocudos de cuia!
Não temos, certo, vantagens
Sobre o grosseiro tapuya.

(*Sahe espumando*)

ARNOLD.

— De um conhecido moço, que prima pela sua gentileza conseguimos ouvir a seguinte phrase, na occasião, em que batia a porta de elegante *demi-mondaine*:
— Qui est là?
— Je!
— !!!!!!

Bastidores

Ainda protestando contra as affirmações do critico d'*A Tribuna*, inscrevi mais cartões dos seguintes artistas, que como os outros garantem nunca ter passado bilhetes de beneficio ou mandado o critico daquelle conceituado collega: Linhares; Galvão; Pedro Augusto; Pedro Nunes; Mafalda Nunes; Balbina Maia; Ismenia Matheus; Adelaide Lacerda; Maria Lino; Olympia Amoedo; Elvira Concetta Geruina Montani; Lucilia Peres; Alvaro Peres, João do Rego Barros; Bruno; Alfredo Silva; Pamplona; Ayres; José Luiz o decano dos gazistas e Bazilio, director da opinião publica.

*

O pessoal do *Bem sei que tu me despresas* que é o mesmo do *Queira amar-te*, declarou guerra de morte a creança louca só por causa do seu trabalho publicado na 1ª pagina da *Gazeta de Noticias*, em homenagem, á santa no dia do seu festival artistico.

E, eu acho que não tem razão para isso porque se ella tivesse estudado pacientemente um meio de se incompatibilisar com Ella, não o teria encontrado tão facil e tão radical, como n'aquelle retrato! Porque aquelle retrato é um insulto! é um desaforo, d'esses que se não esquecem facilmente!

Que semelhança que elle tem, santa Deus! Como são flagrantes de verdade todas aquellas linhas! E o nariz?

Ah! esse então é que é! Esse é que é mesmo uma perfeição de mestre creança louca! Que trabalho fino que elle é! Como se destaca n'elle toda a vibração genialmente artistica do joven assombra-mundos de talento!

Sim senhores! Bastava aquelle retrato para fazer a reputação de um artista!

E' tão perfeito aquelle trabalho, que se a gente olhar para o do doutor Nono de Andrade, publicado no mesmo dia, não precisa perguntar pelo autor, tal é tamanha a semelhança d'esse outro!

Fatalmente que havia de ser do mesmo lapis glorioso!

*

Mestre Sampaio, dizem, vae para Bahia, fazer jús a uma das subvenções que o patrioteiro-mór d'aquelle abençoado paiz das mangas, dos ambitos e dos jagunços, resolveu dar a companhias nacionaes para que ellas tomem os theatros e forneçam espectaculos baratos ao só povo evitando assim que elle só deixe levar pela conversa fiada do pessoal da Hiches e Frontões.

Antes de partir porém, meu caro amigo, procure o Snr, Terencio, um collaborador d'*O Commercio* e peça-lhe protecção, do contrario não arranjará nada por que elle escreve logo a proposito da tua pretenção um artigo—*Theatro Sabem cujo*, como aquelle de ha poucos dias sobre a empreza Lucinda & Christiano, e ficas com o teu rico e salvador plano transformado em agua de borrella!

Toma o meu conselho que é bom, e depois dir-me-has o resultado.

*

A proposito d'*O Commercio*, não posso furtar-me ao dever de enviar meus sinceros cumprimentos a Mario Netto pelo seu bello artigo sobre a farça *os Amantes legitimos*, na qual descobriu uma comedia finissima, sem *trucs*, sem *ficelles*, e sem os recursos da *farça*!

Realmente é preciso ser de um talento sexquipedal para vêr tudo isso nos *Amantes legitimos*, onde toda a critica do mundo civilisado em que ella tem sido representada, não encontrou mais do que uma farça! Parabens, rapido ao intelligente chronista theatral d'*O Commercio*, que se continuar com esse seu modo de vêr, deve em pouco fazer parte da Accademia de Lettras, para onde, creio, é seu maior desejo entrar, e será fatalmente um dos professores de mais valor e mais respeitado no futuro, e talvez nunca realisavel Theatro Municipal.

*

Da empreza da gentil e intelligente Pepa Ruiz, desligaram-se dois actores trazidos por ella de Lisbôa.

Naturalmente esses senhores pensavam que no Brazil ainda havia a tal arvore das patacas!

Era só vir para cá, e fosse em quaes fossem as difficuldades com que a emprezaria lutasse para organisar a sua empreza e montar a sua peça, havia de logo dar um tratamento de principes!

Ora vocês já viram, cousa assim?

Bem razão tinha o meu velho amigo Anselmo, que sempre me dizia: Cuidado meu caro compadre Pacifico, com elles, quando vierem de lá já barbados! Cuidado!

*

Porque motivo andará o Snr. A. Campos, não trata de certo tempo para cá?

Teriam pisado o rabinho do seu cachorro? o menino teria descoberto a maroquinha? terá novos amores? alguem que saiba responder a esta pergunta?

Vou recorrer à folha limpa, não tem duvida! vou amanhã mesmo a rua dos Invalidos n.... Que nome é mesmo, ó Campos? Você que o conhece de cor e salteado? Ou antes: por todos os systemas. Diz lá por um qualquer que ninguem percebe. Anda! Depressa que já não posso conter o desejo de apurar esse caso!

*

Fez beneficio hoje no theatro Lucinda a gentil actriz Barbara Volckart a quem agradeço a gentileza do convite que me enviou com um sincero e cordial aperto de mão.

*

A festa artistica do actor Alfredo Santos esteve na — altura.

O bello artista teve occasião de verificar o quanto é estimado e quanto os seus dotes de cavalheiro e de artista são aqui reconhecidos, *O Rio Nú* mandou-lhe tambem uma modesta lembrança onde o velho Bock sapecou-lhe as seguintes quadrinhas:

«Se ao artista portuguez,
De que todos somos servos,
Não fizer pirraça aos nervos
O presente do nudez,

Ponha lá no camarim
Esta flor de petulancia,
Confeccionada a substancia
Toda broghado em setim,

Essa festa assim requer...
A gente é só... E' verdade!
Mas quando ha boa amisade
Rasga-se a sêda que houver.»

*

Concluo hoje a minha secção avisando aos queridos leitores da minha edade que chegou a companhia lyrica, o que equivale dizer que chegou a nossa vez de chôco. Sim, porque nós outros só chocâmos quando ha companhia lyrica na terra! Isso é que é chôco, meus caros amigos! E, se querem vêr vão até lá para verem uma cousa! Vão e vejam se falta um só dos velhos e escovados furões de caixas de theatro lyrico.

PACIFICO ARMANDO GUERRA.

Si meu avô se casar com a neta de minha mulher que é sobrinha delle, o que é que elle fica sendo della?

Que argola!

Minha prima Josephina
Tinha uma esplendida argola
Mui flexivel muito fina,
Onde eu mettia a pistola
P'ra desfechal-a á surdina!

Mas a mãe... da rapariga
Que era uma velha carola,
Da rija tempera antiga,
Um dia viu a pistola
E... nem sei como lhe diga...

Ficou rôxa, ficou branca,
Ficou vermelha, amarella,
E da argola á filha arranca
Para mettel-a na della,
Como quem mette uma tranca!

Pois, por causa da pistola,
Houve um dia seria briga—
Entre a filha e a mãe...carola!
E ha já por ahi quem diga
Que m'a levaram... n'a argola!

TATU' CANASTRA.

Ainda e sempre

Versos de Xisto Bahia

Quiz, de balde, varrer-te da memoria
E teu nome arrancar do coração,
Amo-te sempre, que martyrio infindo;
Tem a força da morte esta paixão!

Eu sinto-me atado ao teu prestigio,
Por milhões poderosos e fataes;
Nem me vias sequer, te amava ainda,
Motejavas de mim, te amava mais!

Tu me vias sorrir, os prantos d'alma
Só confiam-se a Deus e á solidão;
Tu me vias passar calmo e tranquillo,
Tinha a morte a gelar-me o coração!

Soffri muito por ti, as minhas trevas
Nem um raio de amor desfez sequer;
Tu sorrias, feliz quando eu chorava;
E eu chorava por te amar, mulher!

Quantas luctas travei co'o sentimento,
Quantas vezes corei da minha dôr!
Quiz até te odiar, te adorava sempre,
Sempre e sempre a esmagar-me o teu amor

Não consigo varrer-te da memoria,
Nem teu nome arrancar do coração!
Amo-te muito, que martyrio infindo,
Tem a força da morte esta paixão!

O filho do procurador

I

Por aquella clara manhã de novembro accordára risonho e alegre Serapião Barata. Tinha visto, conforme se diz vulgarmente passarinho verde, e elle sempre tão tristonho e tão macambuzio, accordára cantando, se bem que a sua voz muito se parecesse com uma cana rachada, e alegre, tão alegre, que até a visinhança notara. E' que na vespera á noite recebera por um moleque um bilhetinho assim concebido:

«Sr. Serapião.

Respondendo á sua cartinha tenho a dizer-lhe que póde tratar dos papeis do nosso casamento. Sua até á morte.

Olivia.»

Nosso casamento... sua até á morte Olivia, — que prazer e que alegria tinha Serapião de ler e reler e mil vezes essas queridas palavras!

Então sempre era verdade que Olivia o amava, e que o preferia ao outro sabelito moço, elegante, ao passo que o pobre Serapião já chegara aos sessenta, calvo, tremulo e tabaqueiro!

Coisas do mundo...

II

Um mez depois realisava-se na matriz de Santa Rita o casamento de Serapião e pouco faltou para que a molecagem não corresse á pedra aquelle exotico vegete, que — felizardo! — ia possuir uma moça nova, bella e elegante,—como a pobre Olivia! A' sahida dos noivos e convidados, um mancebo de bella apparencia, porém modestamente vestido, estava occulto na meia escuridão projectada pela porta central da igreja e vendo sahir este cortejo exclamou!

— Até, que emfim!

A' noite, em casa de Serapião, reuniram-se diversas pessoas que foram levar aos noivos os seus parabens, e entre ellas Eduardo de Sá, o moço que vimos na igreja de Santa Rita.

—Serapião, disse Olivia ao serodio noivo, deixa-me apresentar-te o sr. Eduardo Sá, um amigo da nossa familia e um excellente caracter.

— Muito prazer em conhecel-o cavalheiro, respondeu Serapião, cumprimentando Eduardo Sá.

III

Passaram-se 7 mezes depois do casamento de Serapião, e Olivia dera á luz um robusto rapaz, que diziam todos tinha nascido antes do tempo, o que é forçoso acreditar, se bem que a sua robustez physica protestasse contra semelhante asserção!

— E' a cara do pae escripta e escarrada, dizia, uma visinha, contemplando a creança.

— E' o seu retrato vivo... exclamava outra.

E Serapião alegre e satisfeito como n'aquella clara manhã de novembro, passeava pela sala, esfregando as mãos e cantando uma aria com a sua voz de cana rachada!

Eduardo de Sá a um canto da sala, contemplava a alegria paternal do pobre Serapião e examinando a creança monologava comsigo:

— O meu filho parece-se mesmo muito com Serapião!

IV

Uma violenta febre puerperal apoderou-se de Olivia que em delirio exclamava:

— Olha meu pobre Serapião eu não quero enganar-te, esta creança não é tua filha, é do Eduardo... Eu casei comtigo para encobrir essa falta, mas bem vês... não posso amar-te...

Serapião com os olhos injectados escutava attonito as palavras que a mulher dizia, movida pela febre.

— Então o meu filho não é meu filho, perguntou elle?

— Não... o nosso filho é de Eduardo

— Mas, desgraçada, se tu és minha mulher, elle é meu filho... e sendo meu filho, não póde ser de Eduardo. A lei é clara n'esse sentido. Donus cabra, donus cabritorum... Eu que sou procurador conheço a lei a fundo. Embora elle não seja meu filho é meu filho!

Eduardo calado dava mentalmente razão ao pae da creança que mergulhado em profundo scismar e recordando o Codigo passeava risonho e alegre como n'aquella manhã de novembro cantando com a sua estridente voz de cana rachada!...

V

O menino chorava, agarrado ás têtas da mãe e Serapião chegando-se a Eduardo disse-lhe:

— Talvez esteja com dôr de barriga o nosso filho!...

PAE PAULINO.

58

(Continuação)

VIII

Foi direitinho á travessa do Ouvidor. Subiu a escada ás pressas; parando no patamar, detida pela voz de Heitor. O jornalista estava indignado, esmurrando fortemente a mesa — e de toda aquella indignação «sinha» Joaquina apenas percebia as palavras cathegoricas em que elle desesperadamente affirmava que «havia de sahir por força, olá se havia!».

A lavadeira parou desanimadamente. Que diabo seria isso que havia de sahir por força? Era a historia do padre, com certeza... E sem coragem de entrar, foi-se ficando em frente ao escriptorio, a ouvir... Outra voz, humilde fazia ver que essa publicação seria uma inverdade e um escandalo...

— E que tenho eu com isso?! — gritava Heitor. Que diabo tenho eu com isso?! Eu sou jornalista, o meu jornal é um jornal de escandalo... Esse facto é um escandalo formidavel e eu não me posso furtar ao desejo de estampal-o. Tenha santa paciencia! Sae no proximo numero!

— «No proximo numero» — repetiu Joaquina. Não ha duvida. E' o caso da minh'ama! — E entrou resolutamente.

— Dá licença, Yoyô...

— Oh! E' a senhora. Queira sentar-se.

O interlocutor que não era outro sinão Padre Faustino, quiz desviar o assumpto da conversação em presença da lavadeira que julgava conhecida de Helena—e falou em modinhas que se haviam publicado. A lavadeira porém não esteve por isso e abordou logo a questão que alli a trazia.

— Diga-me uma coisa, Yoyô. Aquella historia sae ou não sae?

— Que historia, mulher?

Joaquina endireitou-se. Ora que historia! Aquella... Então qual havia de ser.

— Ah! a historia da Arte?

— Inhor, sim.

— Ah! absolutamente, de maneira nenhuma. Eu quando prometto, prometto! Mas espere um pouco. Deixe-me liquidar aqui esta questão com o reverendo.

Padre Faustino informado tambem de que aquelle facto em que tomára parte ia ser publicado n'*O Rio Nú*, lembrou-se de procurar o redactor para impedir a publicação do escandalo, — e Heitor que vio no sacerdote uma pessoa mordivel, fez-se de duro, garantindo que a publicação era certa. Por infelicidade essa entrevista coincidiu com a chegada da lavadeira, alli trazida pelo gracejo do BLACK, de fórma que Heitor estava um bocadinho embaraçado. Depois da entrada da lavadeira, o padre quiz guardar uma certa reserva, no que foi vivamente auxiliado pelo outro; Joaquina, porém, na sua indignação, não tinha reserva possivel. E vendo Padre Faustino alli, logo desconfiou que aquella mudança rapida de Heitor fôra a pedido do padre. Ah! formigão de uma figa! Não havia duvida! O sacripanta queria a publicação da coisa, só para que se pensasse que elle era de facto o amante preferido de uma bonita mulher... Mas as palavras que ouvira do Heitor ao entrar?... Era verdade que elle garantio que havia desahir... Parecera-lhe que o outro não queria tambem que se publicasse nada... E quiz pôr a coisa a limpo.

— Diga-me cá Yoyô: O que vai sahir aqui do sacerdote?

Heitor mastigou. Ah! Nada, uma pequena noticia, uma coisinha atôa...

O padre tambem intrigado com aquella mulher que julgava conhecer da rua Formosa, desconfiou que Heitor jogava com páu de dois bicos — e quiz esclarecer a coisa.

— E' o caso da viuva, disse.

— Ah! o caso da minh'ama! Eu já desconfiava.

O jornalista deu dois fortes murros na mesa. Alli quem falava era elle. O caso não era precisamente o mesmo.

O Sr. Reverendo queria uma coisa impossivel, coisa que elle Heitor só por quinhentos mil réis poderia conceder, e a amiga Joaquina que fizesse o favor de calar o bico!

A lavadeira ia ainda falar quando Heitor berrou desesperado:

— Cale-se, mulher. Mette o diabo d'essa viola no sacco! O Sr. Reverendo não quer dar os quinhentos mil réis... Pois bem: leia *O Rio Nú* amanhã,— e piscando o olho a Joaquina, pediu que se calasse.

— O Sr. Dr. não quer os duzentos e cincoenta?

— Nada, nada! E' quinhentão! quinhentão p'ra frente! — Do contrario eu o achato.

— Pois não lhe dou nem um vintem! disse o padre furioso. Não lhe dou nem um vintem! E vou d'aqui direitinho á policia.

E Padre Faustino desceu rapidamente a escada.

Heitor, furioso, olhava Joaquina.

— Muito obrigado. São quinhentos mil réis que a senhora me tira do bolso! Quinhentos mil réis que a senhora me rouba!

Muito obrigado!

(*Continúa*)

A PESTE

Hontem adoeceu subitamente um dos turcos que emporcalham esta cidade.

Um vizinho, nacional, muito assustado com o facto, foi consultar o taverneiro da esquina, que accumula as funcções de medico homoeopatha e advogado de gente pobre.

— O'home, isso é tão grube, que se o medico aqui apparece, não escapa ningue!

— Mas, seu Jaquim, ela que os turco non toma banho, non muda de rôpa, non varre a casa, non tem penico p'ra fazê o que nois fazemo, e os porqueira cuspe delle tão nos muntão!

— O que é que você quer dizer comisso?

— Que a peste bobonia p de vir au mutiê nesse quarteirão e lambê nois tudo!

— E isso é um lorpa home! A peste bubonica só dá em quem não tem dinheiro, e os turcos têm dinheiro p'ra comprare até a Jurujuva!

— Mais se os medico da peste vié na casa dos turcu non pode fazê fechá as nossas casa?

— Podem; mas é uma albitrariadade! A peste é uma invenção dos medicos probes, p'ra incherem á nossa custa, e antão nós não devemos ser os prumeiros a dal'a denuncia, porque isso é o mesmo que dizer que aguardâtemos nella!

— Mais entonces non hai peste, sô Jouquim?

— Se elle houbesse peste, então ainda habia um turco bibo, home? O que ha é muita patifaria, e inté os consules já debiam ter exigido do goberno uma estifação diplomateca.

— Isso é veldade.

— Eu 'studo meopathia ha muitos annos, e os libros insinam que a peste bubonica só dá nos rat s. Ora, se ella só dá nos ratos, os prumeiros que debium tel'a eram os medicos, que são os ratos do thesoiro; e os segundos debiam sel'os turcos...

— ... que são ratos da barriga branca? Eh! eh! eh! Este sô Joaquim é daimondo! Por isso é que eu gosto de consurtá c'o elle! Sô Jouquim, me fia ahi dois intem de paraty até aminhã?

— O' home, eu fio-lhe a aguardente, mas você fez mal em bebel'a, porque o libros da meopathia lá dizem tamêm que a aguardente faz vurões nas barrilhas...

— Entonces me dá meia pataca de cachaça: se os bubão vié, eu tô bebido, non sinto nada!

HEREGES.

RECEITAS BARATAS

Frouxidão

Ha muita gente que sente frouxidão local, verdadeira inercia, desanimo absoluto, e não acha explicação para esse estado pathologico.

Pois essa enfermidade, caracteristico da velhice e de vocação para a pintura naturalista, é perfeitamente curavel por meio de crysteis ou (clysteres) de ferro insoluvel.

O *desete*, porque o *frouxo* é mesmo um *desete*, deve collocar os pés e as mãos no chão, de modo a conservar-se fresco... O oleo de S. Gregorio, applicado em pequenas doses é de uma efficacia pasmosa.

Continua aberta esta secção. Daremos em cada numero dois versos que devem ser glosados pelos concurrentes, para os quaes fica estabelecido um premio mensal.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, sendo as glosas recebidas até a vespera da publicação do numero antecedente.

Para o motte:

O velhote anda querendo
Tres vez'nove vinte e sete...

Recebemos as glosas seguintes:

As luminarias accendo
Cá no castello da roça,
Minha musa se alvoroça:
O velhote anda querendo?...
Ah! Ah! Ah! que bom remendo!
Oh! minha Musa, reflecte:
Ella não pode co'o frete,
E vae ser um gran pagode,
Pois qualquer bello bigode...
Tres vez'nove, vinte e sete.

ARNOLD.

— Tu conheces o Rozendo?
Pergunta Rosa a Dinah,
— Sim, conheço — e Escuta lá:
— *O velhote anda querendo*
Desposar-me, e está fazendo
P'ra vivermos *tête-à-tête*
Um bonito palacete.
Mas perde o tempo, coitado...
Pois vejo que o desgraçado...
....
Tres vez'nove vinte e sete!!!

DEBRÓ JUNIOR.

Todo elle se derretendo
Vae-se casar o velhote,
Não reflecte esse tal zote,
O velhote anda querendo
Vae ser um caso estupendo:
Pois que ella tem tal topete,
Ha de encontrar mais de sete
Que hão de enfeital-o a valer;
Os senhores hão de vêr:
Tres vez'nove, vinte e sete.

ANDRÉ VIII.

Apezar de andar tremendo
Como um castello em ruinas,
Conquistar inda as meninas
O velhote anda querendo.
Nas pernas mal se sustendo,
Apezar d'isso repete
(Mas vejam só que topete)
«Que inda tem lhes, que vê,
Que muito bem sabe que...
Tres vez'nove, vinte e sete.

O LOURO.

Eu não sei... porem s'tou vendo
Que, p'los modos com que empilha
Namorados para a filha,
O velhote anda querendo
Augmentar o «dividendo»
Das posses da bella Odette.
Que veja nas que se mette...
Que mais dia, menos dia,
Se dá rombo á companhia,
Tres vez'nove vinte e... sete!

LAGARTIXA.

Ella disse enrubescendo
A' sua mamã querida
Eu juro por minha vida
« *O velhote anda querendo* »
Pois chegou-se a mim tremendo
E disse: formosa Odette
Afinal você promette?
Eu então disse sorrindo
« Seu velhote, vá sahindo... »
Tres vez'nove vinte e sete.

MICROCEPHALO.

D. Pepino, o reverendo
No amor é um rebuçado...
Traz-me o sangue alvoroçado,
O velhote anda querendo
E assim logo me vendo
Contra mim prompto arremette
Eu desaperto o collete...
E na melhor da chicana
Fica mole qual banana,
....
Tres vez'nove vinte e sete.

PINDUCA ASSUCARADO.

Disse o K. Samba ao Rosendo:
Queres ver que brejeirice...
Conquistar!... oh! que tolice!...
O velhote anda querendo.
E mesmo a cara mettendo
Entre os braços da Odette ..
A meiga e gentil coquette
Isso mesmo o não *commove*
Depois de seis e nove...
Tres vez'nove vinte e sete.

DR. CLITORIANO.

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:

Parecia uma innocente
Pois até deu-me lições!

Glosas até sexta-feira.

Bibliotheca do Solteirão

ALBUM DE CALIBAN, contos alegres por Coelho Netto. 11 fasciculos publicados que se vendem separadamente a 1$500. — E uma edição nitida e de luxo.

CONTOS PICANTES, leitura para o inverno. Contos escolhidos de Catulle Mendès, Armand Silvestre, J. Guyda e outros, traduzidos do francez. Ha 12 fasciculos publicados que se vendem separadamente a $500.

FILHOTADAS, casos d'*O Filhote*, por Pierrot. 1 vol. com capa colorida 2$000.

CONTOS PARA VELHOS por Bob. 1 vol. com capa colorida 1$000.

NOVELLAS AMOROSAS. Contos alegres. 4 vols. publicados a 1$000.

PIMENTÕES. Rimas d'*O Filhote*, por Puff & Puck. 1 bonito vol. com capa illustrada 2$000. Puff & Puck, os distinctos poetas que abrilhantaram as columnas do brejeiro *Filhote*, reuniram nesse volume as suas melhores poesias que certamente serão apreciadas pelos amadores, rodeando-as fofazidas num livro elegante e bonito como é a presente edição. Quem são Puff & Puck o leitor saberá melhor que nós comprando o bonito volume. O certo é que são dois pandegos que se propuzeram desarrugar a carranca mais tristonha nestes tempos em que a lhca anda pela hora da morte.

LILI. Romance realista por Elysiario da Silva 1 vol. 1$000.

JORGE DO BARRAL, por Emmanuel Guimarães. Romance naturalista. 1 vol. de 301 pags. 3$000.

Estes livros acham-se á venda na
Livraria de LAEMMERT & C.
RUA DO OUVIDOR 66, RIO DE JANEIRO
e nas suas filiaes em S. PAULO e RECIFE

Resolvemos adoptar esta secção que alcançará talvez todo o successo do *Motte a Concurso*. Formularemos em cada numero uma pergunta em verso, que deve ser respondida, tambem em verso, pelos nossos leitores. As respostas não devem conter mais de oito versos nem menos de dois, e podem ser feitas em quadras, sextilhas, ou oitavas, á vontade.

Para a pergunta:

Quem é melhor no serviço
Quem é melhor na «grammatica»
A solteirinha ou viça
Ou a viuva-já pratica?

Recebemos as seguintes respostas:

Que a viuva é mais sabida
Não soffre contestação,
Mas deve ser preferida
A solteira que p'ra a lida
Mostrar que tem vocação.

ORIENTE.

Acho ociosa essa pergunta, é serio;
Eu não tolero paridade alguma,
Entre o ferver da burbulhante espuma
E o derreter de congelado mar.
Voto gritando na solteira hysterica
Que nos enlaça co'uma furia insana,
Que nos aperta com ardor e gana
E sola exhalstu, inda dizendo «Amar!»

ARROLO.

Quem é melhor no serviço?
Isso é cousa symbematica!...
Quer tenha ou não tenha pratica
Embora com pouco viço
Vai na ponta a viuvinha...
... Mas tambem a solteirinha ...
Traz a gente em reboliço.

DR. CLITORIANO.

Eu respondo tal qual Mané Gregorio...
Que em negocio d'amor é cabra pae:
— Que prescinde a viuva o palanforio...
Porque a bella já sabe ao que se vae!...
E por tanto deduz-se facilmente
Que mais vale a viuva á uma solteira
Porque se esta tem o exame competente
Aquella 'stá no inicio da carreira!...

DEBRO' JUNIOR.

Eu confesso francamente
Que sinto dificuldade
Em dizer bem no corrente
Qual tem mais habilidade,
No entanto é muito notorio
Que a viuva, quando esperta
E' melhor no falatorio
Por já ter a bocca aberta.

ALSENIM.

Si se fizesse entre os que têm matricula
No livro feio do feioso sexo,
Uma eleição, mas a valer, com nexo
P'ra decidir d'essa pergunta vil,
Tenho certeza de que o voto unanime
Aos meus collegas de bigode e calças
Estragaria as pretensões tão falsas
Da noite escura que quer ser manhã.

ANDRE' VIII

P'ra que nos serve que ella seja pratica,
Que saiba já como se faz aquillo?
Não penso muito, nem sequer vacillo,
Serve a viuva que bem pouco val.
Sou pela virgem que sem ter grammatica
Tem outras coisas que eu prefiro a essa:
Ella é um manjar que nos incita e apressa,
E a viuvinha... um bello amor sem sal.

O LOURO.

Queria a solteirinha defender
Mas acho que procedo sem poder
Porque n'essas crueis lutas d'amor
Todas conhecem a lei do casamento
Mas a viuva nas guerras de Cupido
Sendo já entendida e veterana
Ageita-se melhor mesmo com gana
Ao duro serviço do cruel momento.

MICROCEPHALO.

A melhor no serviço e na «grammatica»
A viuva será, se nova fôr;
Trabalha só por gosto, já está pratica,
E não precisa mais de professor

LAGARTIXA.

Para o proximo numero offerecemos a seguinte

PERGUNTA:

Mulher que todo o dia sahe sósinha,
Muito cheia de luxos e apressada,
Elegante, catita e perfumada
Que vae fazer um olor das andorinhas.

Respostas até sexta-feira.

TORNEIO DE AGOSTO
PREMIADOS OS DOUS PRIMEIROS VENCEDORES

1
ENIGMA PITTORESCO

ZÉ CAIPORA.

LOGOGRIPHO NORMANDO

2

Rio, cidade e rio
Rio, cabo e cidade
Cidade, e chefe, mestre
Que achas com facilidade.

A chave é de um rio
O qual é bem conhecido
Decifra isto bem certo
Se não queres ser vencido

K. C. PORT.

3
CHARADA COMBINADA

1.ª + ÇÃO = Dominio
2.ª + BU = Vulcão
3.ª + TE = Ignorante
4.ª + PO = Rio
MOLLUSCO

LULU'.

4
CHARADA TRANSPOSTA

A extincção da vida faz medo—2

YPIRANGA.

5
CHARADA NOVISSIMA

A carne de vacca na Europa come-se com legume 2—1

ATHOUM'.

6
LOGOGRIPHO POR LETRAS

Tens que pagar o tributo, 7-10-6-3
De tudo que tens a vestir 2-12-1-9-2
Si não quizer que o gigante 8-1-10-5-4
Como peixe te vá teria

M. TERIO.

7
CHARADA METAMORPHOSE

O signal—E: A está no pão 2.

CABOCLO.

8
CHARADA ANTIGA

Uma mulher apresento —1
Que sem dificuldade
Tem entrada na cidade —1
Para meu e teu contento.

FRA CHERUB.

9
QUEBRA CABEÇAS

A-D-E-E-H-I-L-L-O-O-R-S-V

Formar com estas letras o nome de uma cidade.

CABECINHA DE VENTO

10
PERGUNTA ENIGMATICA

Qual a mulher que é pedaço de terra?—2.

DR. TRAPO'.

Só recebemos as decifrações deste numero até sexta-feira.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero.

Acceitamos a collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

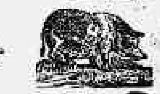
Propuzemos 10 questões, cujas decifrações eram:

Bucarema, Garanufo, NE-PO-TE
PO-LEN-TA
TE-TA-NO, Garrafa.
Garrafa, Garrida-Garrido, Caneca, Esterelado,
GA-LE'
GA-LE-O-TA
LE-O-NI-CO
TA-CO, *S. Amaul-Tallende, Palaga.*

Decifraram: K. Longa 7, Lulú 7, Adelia 7, M. Terio 6, Caboclo 6, Cabecinha de Vento 5, S. Thomé 5, K. H. Do 4, Senegallina 3, Ypiranga 3.

K. Marão.

CAVAÇÃO...

31		631
72		872
87		787

Chico Ficha

FOLHETIM 2

HISTORIA DE UM FURO

NOVELLA

POR

Arduino Pimentel

II

Luizinho

Alguns dias antes da scena precedente, á hora em que se achavam reunidos á mesa do almoço o capitão Tabyra e sua esposa, aquelle disse repentinamente a esta:

— Sabes, Dorothéa, até que afinal consegui alugar a casa.

— Sim?... a quem?

— Ao doutor Luciano Montal.

— Aquelle que foi teu collega de escola?

— Exactamente.

— Mas ao que me consta, elle estava em S. Paulo.

— E ainda está, porém deve mudar-se por estes dias.

— Com que então vem ser nosso visinho...

— Sem tirar nem pôr.

— E' casado?

— Com uma linda mulher.

— Então esse doutor é moço?... Sim porque, para ser casado com mulher bonita deve com certeza rivalizar com ella em idade, e, sendo a mesma como dissente linda, é provavel que seja nova.

— Ah, está como te illudes filhinha; a esposa do meu amigo pode perfeitamente passar por sua filha, attendendo a que o doutor tem mais trinta e tres annos que ella.

— Deveras!

— Ora; o doutor tem cincoenta e tres, e ella...

— Vinte! Que horror!

— De que filha!

— De que ha de ser? Da imparidade desse casal! O peior não é isso; o peior é que o *homem velho e mulher nova*...

E *dona* Dorothéa soltou uma gargalhada gostosa e ajuntou: ...*filhos até a cova*.

— Que duvida! suggeriu o capitão... Mas o que eu acho é que a palavra «filhos» do dictado que citaste, tem sentido differente, é quer dizer...

— E quer dizer...

— Filhos espurios.

— Ora essa! então...

— Não, filha; a arvore quando attinge a um certo tamanho, não cresce mais.

— Como não cresce?

— Não cresce, já t'o disse.

— Pois eu vou provar que cresce...

— Duvido muito!

— Escuta: conheces a *dona* Quizomba, mulher do tenente Gregorio?

— Conheço; e então?

— E então é que vieram a ter o primeiro filho após vinte annos de casados.

— Bordão, vieram não; veio.

— Sim; mas com isto não me dês a solução da questão.

— Espera, já la vai; já la vai...

E o capitão enrolou pachorrentamente um cigarro, accendeu-o e proseguiu, soltando um baforada de fumo:

— Si a tal *dona* Quizamba, como dizes, veio a ver coroada a obra de tantos annos de incessante labôr, é porque naturalmente foi auxiliada por algum *amigo* do tenente Gregorio...

— Ora! deixe-se disso, uma senhora tão seria!

— Não digo o contrario; pode ser-se serio e...

— Qual! não creio; uma senhora tão virtuosa.

— Que virtuosa que nada!

Fica-o sabendo que nem o proprio papa é virtuoso!

E o militar soltou nova baforada, quedando-se a contemplar a fumaça azulada do cigarro, que serpenteava no ar.

Assim continuou a conversa entre amigaveis treplicas e replicas, quando inesperadamente tres pancadas vibraram na porta que dava para o jardim.

— Quem está hi! gritou o militar com forte dispasão de voz. Entre que está somente cerrada.

A porta abriu-se e um elegante mancebo de desoito annos, transpoz a entrada e lançou-se nos braços do militar.

— Oh! meu tio!

— Olá! Luizinho!

— Como vai, minha tia!

E começaram os beijos e os abraços, que era um nunca acabar.

Serenados que foram de parte á parte as ardentes manifestações de alegria, o capitão tomou a palavra:

— Então que é isto menino, nós só te esperavamos lá para o fim do anno e tu nos causas, quando menos o pensamos, uma surpreza destas!

— Pois o tio não leu nos jornaes?

— Que havia eu de ler?

— O collegio foi mandado fechar.

— Fechar! disse com espanto o militar.

— Sim meu tio, a variola esta grassando em Itú, com grande intensidade.

— Que me dizes!

— A verdade; por signal que já morreram victimados 36 alumnos!

— Pois será crivel?!

— Olhe, aqui tem a *Provincia de S. Paulo*, queira ler.

— Muito bem, ajuntou o capitão, com que então suas reverendissimas trancafiaram o collegio?...

— De certo; interrompeu *dona* Dorothéa, que se tinha conservado algum tempo callada. Que querias tu que elles fizessem?

Si ha bexiga, é evidente...

— Pipocas! cortou o militar impaciente, bexiga têem elles ou bem sei onde?

Aquillo é uma canalha que de tudo se aproveita.

Naturalmente exageram o caso para poderem gozar da ampla liberdade e mettérem-se na troça.

Quem vos não conhecer que vos compre, sucia de vadios!

O que elles precisavam é que Pedro II os mandasse agarrar e os mettesse á bordo da nossa esquadra como marinheiros!

— Que profanação Tabyra.

— Profanação nada! uma canalha de marôtos!

Uma malta de mandriões de saia!... que devia ser extincta de uma vez para sempre!...

— Já almoçaste Luizinho? inquerio *dona* Dorothéa.

— Não, minha tia, e tenho bastante appetite.

— Pois então senta-te ahi, e, enquanto comes, conta-nos os teus progressos.

— Sim minha tia.

E sentou-se á mesa.

Emquanto comia, o recem-chegado relatou o adeantado estado de seus estudos, a proxima conclusão dos preparatorios e o desejo que tinha, de, prestados os dous exames que unicamente lhe faltavam, matricular-se na escola de direito.

Era o sobrinho do capitão um bello rapaz moreno, alto, olhos e cabellos negros, labios rubros e sensuaes, e uma bocca pequena, encimada por buço espesso e castanho, que lhe dava certo ar de distincção á physionomia, profundamente sympathica.

(Continúa).

EU ERA ASSIM

O Xarope de Alcatrão e Jainby de Honorio do Prado, cura todas as molestias do peito

Vidro 2$000

Deposito Geral — Drogaria Pacheco, rua dos Andradas 59

Leiam os attestados ao lado

Estado do Maranhão

CAXIAS, 11 DE MAIO DE 1897.

Illm. Sr. Honorio do Prado — Ha cinco annos que soffria, uma ou duas vezes por mez, asthma, que prestava-se horrivelmente. Deparando com um annuncio no jornal *O Pelo*, que se publica neste capital, com referencia a seu prodigioso *Alcatrão e Jainby*, tomei dele estes allegres remedio fazui completamente livre daquelle horrivel soffrimento, porisso, venho de maneira agradecer-lhe por tão grande descoberta que fez em beneficio da **humanidade**.

Sou, com toda a estima e consideração, do Vmcê. amigo, obrigado e criado — *Antonio Filho Nova Soares.*

Jatahy-Prado

TOSSE E ESCARROS DE SANGUE

Miguel Obiaido, morador á rua da Assembléa n. 82 (Cattybar), tossia e escarrava sangue ás 15 dias, não podia dormir de noite; só com um vidro de Alcatrão e Jatahy cessaram os escarros e a tosse, e sobe-se restabelecido.

Jaguaribe

A Exma. Sra. D. Margarida Cunha Maria encontrava-se tosse e vomitava sangue (antigo-crónico) pelo Alcatrão e Jatahy Prado, que lhe foi receitado pelo illustrado Sr. Dr. Azevedo Junior, na rua Visconde de Maranguape n. 31.

Iguape (S. Paulo)

CURA DE ASTHMA !!!

A Exma. Sra. D. Umbelina de Oliveira soffreu durante 38 annos.

Curada pelo Jatahy, de Honorio do Prado.

Rio Grande do Norte

ROLANDRIO (MINAS)

O Sr. tenente João B. Ferreira Lopes soffreu 14 annos consecutivos, tosse e febre.

Curou-se com um vidro de Alcatrão Jatahy do Prado.

GONORRHEAS E SYPHILIS

CURAM-SE RADICALMENTE COM A

LUGOLINA DO DR. EDUARDO FRANÇA

Adoptado na Europa

REMEDIO SEM GORDURA

PREÇO 3$000

cura efficaz das molestias de pelle, feridas, empigens frieiras, suor dos pés, ulceras, manchas, tinha, sarnas e bronchoejas

DEPOSITARIOS NO BRAZIL

ARAUJO FREITAS & C.
114, Rua dos Ourives, 114
E S. PEDRO, 90

E na Europa CARLOS ERBA
MILÃO

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias

RHUM CREOSOTADO

DE ERNESTO DE SOUZA

Bronchites, Asthma, coqueluche, Tosses, Tuberculose pulmonar

Medicamento sem rival, que por seus effeitos tem o ognome de

A VIDA EM VIDROS

PREÇO 5$000

Drogaria Pacheco, rua dos Andradas 59.

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRAZIL

SEDE: CAPITAL FEDERAL-Rua Nova do Ouvidor ns. 29 e 29 A-Caixa do correio n. 41-Endereço Telegraphico-Loterias

GRANDE LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL

X — 23?

Extracção Intransferivel

Sabbado, 4 de Agosto de 1900

200:000$000

Em bilhetes inteiros a 16$ e em vigessimos a 800 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes do Luiz Velloso & C., sita Nova do Ouvidor n. 16, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do correio 817, e Candes & C., beco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do correio 946. Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, mandando-se a maior clareza nas direcções. Acceitam-se agencias no interior e nos Estados, donde-se vantajosa commissão. Os agentes geraes só recebem o pagam bilhetes premiados das loterias da CAPITAL FEDERAL.

Excellente Occasião

Não comprem artigos para homens

CAMA E MESA

SEM VISITAR A

Camisaria Especial

Rua do Ouvidor, 53

Vendas por preços abaixo do custo

Motivada pela alta do cambio

TERMINAÇÃO DE NEGOCIO

NO

Bazar S. Pedro

33 RUA DA QUITANDA 33

(Junto á esquina da Rua Sete de Setembro)

Por terminação de negocio vende-se todas as mercadorias por preços abaixo do custo como se verificará.

Entre as mercadorias proprias de um bazar de primeira ordem se encontram ricos apparelhos de porcellana para almoço e jantar, cristaes, serviços para toilette para todas as bolsas, artigos para homens, senhoras e crianças; artigos domesticos, calçado, brinquedos, objectos para presentes, etc., etc. tudo por preços que convidam, pois é liquidação real.

Traspassa-se o armazem pagando insignificante aluguel.

33 RUA DA QUITANDA 33

LOTERIAS DO BOMFIM

Extracções todas as

Segundas e Quintas-feiras

A's 2 1/2 horas da tarde

As extracções effectuam-se na agencia geral á rua de S. José n. 50, ás 2 1/2 horas da tarde.

Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando vantajosa commissão.

A' venda em todas as casas e kiosques

50, RUA DE S. JOSÉ, 50

Caixa do Correio n. 56—Endereço telegraphico Bomfim

Almeida & Freire.

Leitura Boa

POR

POUCO DINHEIRO

Romances de Paulo de Kock a 1$000 cada volume

O Papá Sogro.
O Burro do Sr. Martinho.
As mulheres, o Jogo e o Vinho.
O homem dos tres calções, (dois volumes) ..... 2$000
O filho de minha mulher .....
A seara de Ruth, de Anselmo Ribas ..... 1$000
O Ermitão de Muquem, de Bernardo Guimarães ..... 1$000
Os farrapos, de Oliveira Bello ..... 1$000
Rimas de outr'ora, de Affonso Celso ..... 1$000
Vergastas, de Lucio de Mendonça ..... 1$000
O necroterio da familia, de Paula Luiza ..... 1$000

ALMANACH THEATRAL

para 1900, traz os retratos e biographias dos artistas e muitos monologos e cançonetas e todas as informações sobre theatro, 1$000 cada volume.

A Vingança de um sapateiro

publicado no rodá-pé d'*O Rio Nu*, o mais escandaloso e emocionante romance e o que mais successo causou, 2$000 cada volume.

Monologos Cançonetas e Modinhas populares

Grande e variado collecção a 200 réis cada uma. Pelo correio 500 réis.

8, Travessa do Ouvidor, 8

N. B.—Os pedidos pelo Correio devem vir dirigidos a C. Pereira. e acompanhados de mais 500 rs. para o porte e todas as indicações da direcção.

GOTAS

VIRTUOSAS DE ERNESTO SOUZA

CURAM HEMORRHOIDAS

TODAS CAUSAS

Em todas as pharmacias e drogarias.

DEPOSITO GERAL DROGARIA PACHECO RUA DOS ANDRADAS 59

Frontão V. Fluminense

104 RUA DO LAVRADIO 104

(antigo Polytheama)

GRANDES

QUINIELAS

Todos os dias

Duplas e Simples

FUNCÇÃO DIARIA

MUSICA EMBANDEIRAMENTO

OS MELHORES

PELOTARIS DO BRAZIL

SPORT ATHLETICO

Ao Frontão Fluminense

104 RUA DO LAVRADIO 104

Antigas ou recentes, curam-se rápidamente sem injecção somente com o

GONORRHEAS

BLENOCIDA DO Dr. Cadaxo da Silva

medicamento puramente vegetal

Evita as estreitamentos e as operações consecutivas

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

DEPOSITO GERAL, rua da Quitanda 46

GODOY, FERNANDES & C.

Bazar Collosso

DA

FAMILIA PERNAMBUCANA

4 — RUA DO HADDOCK LOBO — 4

(Largo da Estacia de S.)

Fazendas, armarinho, ferragens, louça, sapataria, perfumaria, etc.

por

PREÇOS SEM RIVAL

Ninguem se illuda barato e bom só no BAZAR COLOSSO da Familia Pernambucana.